

## RESENHA DE LIVRO

*Maurício Silva* é professor da Universidade Nove de Julho (São Paulo).

Email: maurisil@gmail.com

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Introdução à Historiografia da Linguística**. São Paulo: Cortez, 2013.

Embora as tentativas de historiar a produção linguística ocidental não sejam novas, é relativamente recente o esforço teórico-metodológico voltado à compreensão de sua historiografia, prática que recebe, entre outras denominações similares, o nome de Historiografia da Linguística. O recente livro de Ronaldo Batista (BATISTA, Ronaldo. **Introdução à Historiografia da Linguística**. São Paulo: Cortez, 2013) vem contribuir de modo inequívoco para a sistematização dos estudos historiográficos da linguística, bem como esclarecer aspectos teóricos desse campo de atuação científica e disciplinar, com o qual nem todos os pesquisadores da área estão acostumados.

O livro, apesar disso, sem grandes pretensões teóricas, revela-se, contudo, essencial pelo espírito de síntese, atuando assim como uma espécie de *estado da arte* (no que esse conceito pode apresentar de mais positivo) da Historiografia da Linguística.

O autor começa afirmando que o campo dos estudos da linguagem apresenta distintos registros de natureza historiográfica, no sentido de compreender períodos da História da Linguística. Tais registros são objeto de estudo da *Historiografia da Linguística* (Konrad Koerner, Pierre Swiggers), a despeito das distinções que se podem traçar entre essa disciplina e a *História das ideias Linguísticas* (Sylvain Auroux).

Segundo Ronaldo Batista, a Historiografia Linguística tem como objetivo descrever, analisar e interpretar ideias sobre a linguagem e as línguas ao longo do tempo, tanto de natureza científica quanto não científica. Lembra ainda que a história do conhecimento sobre a linguagem e as línguas reflete os critérios adotados pelos historiador, não sendo, portanto, isomorfas. Além disso, há que se destacar o fato de a Historiografia da Linguística não tomar por objeto de estudo os fenômenos relativos às línguas, mas o que sobre ela foi dito, adotando uma *observação analítica*, e não apenas *descritiva*, dos fenômenos linguísticos. Sobre este último aspecto, afirma: "reforçamos a proposição de uma historiografia problematizadora dos estudos sobre a linguagem, ou seja, uma historiografia analítica capaz de elucidar pontos relativos a escolhas e procedimentos metodológicos importantes para o estabelecimento de períodos da história em consideração, e observar fatos históricos além de suas aparências, para que se possam dar os devidos pesos e medidas para os objetos de investigação" (p. 55).

Para que esses propósitos sejam cumpridos, faz-se necessário a adoção de uma

perspectiva analítica que apresente dois eixos, um internalista (que, grosso modo, aborda a linguagem levando em consideração conceitos teóricos e práticos) e outro externalista (que, grosso modo, considera aspectos sociais, ideológicos e históricos relacionados à linguagem). Diante desses fatos e complementando-os, pode-se dizer que a *narrativa historiográfica* é elaborada em torno de uma dimensão teórica, uma dimensão temporal e uma dimensão social, procurando ainda definir parâmetros internos e externos para a análise do material a ser analisado. Outros conceitos, de acordo com os teóricos que os formularam, podem ser ainda levados em consideração no trabalho de pesquisa em Historiografia da Linguística, como os conceitos de *princípio de contextualização*, de *imanência* e de *adequação* (Koerner), o conceito de *programas de investigação* (Swiggers), o conceito de *grupos de especialidade* (Murray) etc.

O autor conclui, sucintamente falando, que a Historiografia da Linguística ainda está por definir sua posição em meio à linguística e a história, sendo necessário que seu estatuto surja exatamente desse cruzamento.

Como poucos estudos a esse respeito, essa *Introdução à Historiografia da Linguística* faz jus ao seu título, não sendo e nem pretendendo ser mais do que uma *introdução* ao tema. Nesse sentido, possui o ônus e o bônus de todo estudo propedêutico: ônus, pois não aprofunda a discussão sobre conceitos, métodos e procedimentos relativos ao tema da obra; bônus, por servir como uma base segura e, nesse sentido, necessária a quem quer se iniciar nessa área. Somando tudo isso, o resultado é, sem dúvida alguma, positivo, merecendo, mais do que uma mera leitura, o reconhecimento da área dos estudos da linguagem, dentro e fora da academia.